

RECONSIDERANDO O LIBERTINO

Por LUÍS COSTA LIMA



Laclos

O artigo inédito que publicamos pertence a um estudo do prof. universitário brasileiro Luís Costa Lima, catedrático da Faculdade de Filosofia do Recife. O ensaio em questão, que se intitula igualmente «Reconsiderando o Libertino» sairá na «Série Tempo Brasileiro», editada no Rio de Janeiro sob a direcção do crítico Eduardo Portela.

Na linguagem comum portuguesa, o mesmo que na espanhola ou na francesa, a palavra *libertino* comunica a ideia de comportamento tido como dissipado, quer na esfera amorosa, quer na religiosa ou económica. O libertino confunde-se com o imoralista, com o estroina, com o cínico.

Este conceito manteve-se incontestado até recentemente, quando a figura histórica do libertino começou a provocar, fora da Península Ibérica, estudos reinterpretaivos de importância. Em Portugal, porém, nenhuma obra conduziu a este esforço de reconsideração até ao aparecimento da *Cartilha do Marialva*, de José Cardoso Pires. É por este autor que se verifica que também a conotação portuguesa de libertino reflecte a vitória da classe social que, antagónica ao pensamento do mesmo, o expulsou dos estudos da História e impôs o seu ponto de vista à área semântica da palavra. Este dado, contudo, ainda não basta para caracterizar a *Cartilha do Marialva*. É de se acrescentar que José Cardoso Pires é essencialmente um ficcionista e não um historiador e que, assim, escrever um ensaio representa para ele menos a ocasião de oferecer uma pura interpretação cultural do que a oportunidade de meditar sobre a situação em que vivem as suas personagens eventuais. Daí decorre o tom que o ensaio acolhe, pois meditar sobre a sua situação, portuguesa, leva o autor a perceber as relações existentes entre a classe que no século XVIII se impôs aos libertinos e a actualidade político-económica. É, por conseguinte, como obra de intuito actualizante e de reinterpretação histórica que cabe estudar a *Cartilha do Marialva*.

Para Cardoso Pires o libertino não é só uma figura his-

tórica caracterizada de entre meados do século XVI e fins do século XVII, como, mais geralmente, um tipo de homem que postula uma visão determinada da existência. Visão de carácter realista, no sentido de contrária ao irracionalismo, de carácter sensual, no sentido positivo da valorização do corpo, e de carácter religioso.

O segundo aspecto da interpretação, embora não possa ser dado como provado na *Cartilha*, tem um interesse particular para o entendimento desde logo de um Manuel Bandeira, cuja provável concepção *libertina da vida* e do amor nos escapara. É por isso da maior importância a observação do crítico suíço Pierre Furter que *s'il donne à un recueil le titre de «Libertinage», ce n'est pas pour signaler des oeuvres immorales ou perverses, mais pour se rapprocher de la tradition française des poètes libertins du XVII siècle* (2, p. 12). De toda a maneira é de desejar que não se passe a ver em tudo sinais de libertino, já porque ele se não confunde com o imoralista ou com o Don Juan, já porque toda a generalização tipológica induz ao risco de enrijar a percepção da dinamicidade da História.

A *Cartilha do Marialva* levanta-se em torno de duas figuras nucleares: o marialva e o libertino. O Marialva é uma personagem de exclusividade portuguesa — marialva, marialvismo significam determinado comportamento irracionalista que se traduz na nostalgia pelo interior rural, na valorização sonhadora da vida campestre, na posição de superioridade do homem na concepção amorosa. Ao mesmo tempo, porém, o marialva expressa constantes não apenas portuguesas, pois o seu comportamento só pode ser compreendido se ele é posto de frente do libertino a que, na Europa do século XVII, se opôs e venceu.

Os goliardos são os antepassados do libertino e, entre eles, ressalta Pedro Abelardo. Já não era desconhecida a importância do nominalismo de que ele é o grande antecipador na história das ideias. Expressava esta doutrina uma cunha contra a visão simbólica e alegorizante do mundo, própria do pensamento medieval, e, assim, dispunha uma atenção para um universo de formas sensíveis e dotado de uma natureza que podia ser instrumentalizada pelo homem. O nominalismo era um antecedente da concepção realista e científica do Renascimento. Em consequência, os seus defensores apareciam como suspeitos à segurança medieval.

Abelardo não se opunha só intelectualmente a esse estado de coisas (e qual é a ideia ver-

dadeira meramente *intelectual*?) e Cardoso Pires lembra que ele aprendera teologia e recebera a tonsura para conhecer *por dentro* a ordem a que se opunha. Semelhantemente, Casanova depois teria de entender a planta interna dos palácios...

O problema era conhecer o *jogo-por-dentro*, nisto se impunha o realismo libertino.

A figura de Abelardo nos faz lembrar a de um espanhol que escapou a Cardoso Pires. É Juan Ruiz, o Arcipreste de Hita. Pois qual o problema intrigante que rodeia esta figura de clérigo que escrevera um tratado de amor sob pretexto de o *anatematizar*, senão o da sinceridade religiosa? Daí que os seus críticos se dividam, desde os mais frenéticos até aos mais finos, como Leo Spitzer, que tenta mostrar, contra Américo Castro, que o procedimento de Ruiz nada tinha de herético para a literatura ortodoxa medieval. Po-

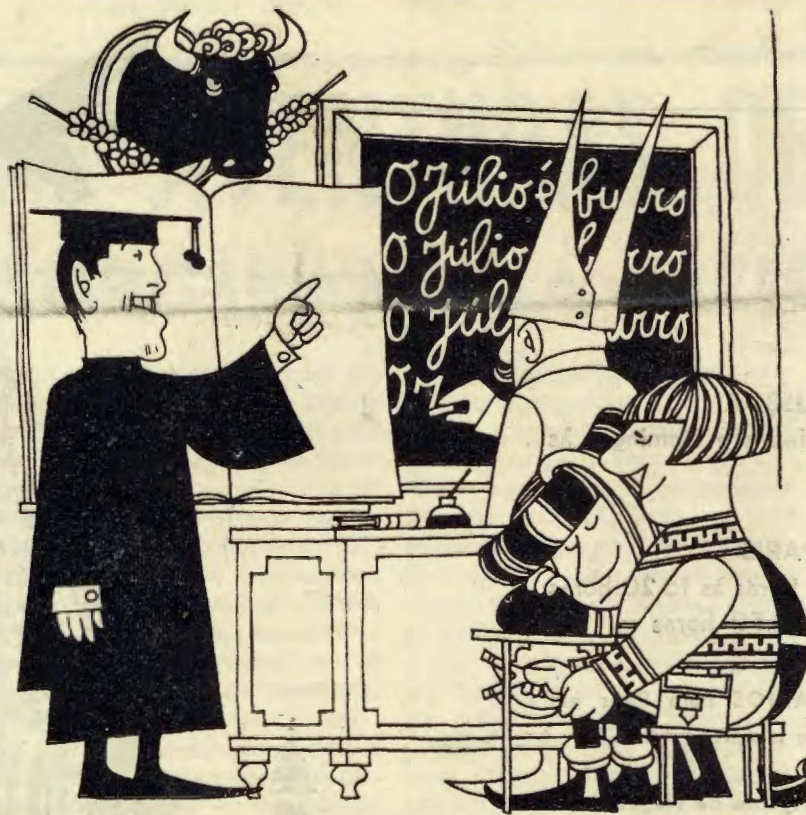
busguesia no Alto Renascimento. Nos fins do século XVI os lucros da burguesia italiana atingiram o seu nível mais elevado. Crescentemente, a partir de então, o burguês aplacou a sua vontade de poder, pelas alianças dos estados em grandes impérios, limitar o alcance daqueles outros que ainda não estivessem em condições de aquietar o desejo de ascensão. E o humanista, que aproximadamente até ao Quatrocento se definira pela posição de aventura que tomara o cavaleiro medieval (von Martin), à medida que a pirâmide social se cristalizava, ia assumindo uma forma privada de existência, em que renunciava à *aspiração directa* e se transformava em um mestre de gramática e retórica. O humanista converte-se em um marginal culto. Cessada a ascensão da burguesia a que ele ajudara, é levado a recolher-se na posição de inconformista con-

aristocracia de sangue, uma nova aristocracia baseada na inteligência, na boa razão. Ele foi levado a esta concessão aristocrática devido ao próprio carácter mascarado da sua rebeldia e à impossibilidade de sustentar uma luta aberta.

Assim, me parece importante notar que é mesmo por efeito deste jogo duplice a que se dedica que o libertino se perde. É esse jogo que indica o processo de crescente marginalização em que o intelectual se opõe no Ocidente. Tanto assim que o libertino ainda parecerá possuidor de meios de oposição se o compararmos — o que foge aos propósitos de Cardoso Pires — com o herói romântico. A este nem sequer a alcova aparece como um campo provável de luta. Restam-lhe em troca os bancos das praças onde inscreve o seu desespero orgulhoso, ou então as linhas dos versos. E o intelectual, ao mesmo tempo que vai deixando poder de lutar contra o que o sufoca, vai perdendo a consciência do que o pode estar sufocando.

Com o Romantismo passa-se esta coisa terrível: cada vez mais se exarceba o papel concedido ao indivíduo (daí o culto do génio e do herói) e cada vez mais a História é pensada em termos de desígnios fora do indivíduo.

Até que ponto o constante saudosismo luso, o seu surto de melancolia e de tristeza não é influenciado pela perda de princípios conservadores que, de um lado, evitando uma maior participação no circuito económico, favorecem posições passadistas e as estimulam? Note-se, por exemplo, como um género nitidamente de cunho realista como é a novela raro conseguiu libertar-se em Portugal de uma inflação lírica e sentimental. E é a ausência desta espécie de desenvolvimento que comprova o carácter próprio da *Cartilha do Marialva*. O autor retoma uma velha tradição literária disseminada sob a dominação dos Filipes e da qual resultaria a *Arte de Furtar*, atribuída a Vieira. Cardoso Pires chegou a esse passo radicalizando a sua intuição de novelista e porque compreendeu que uma interpretação literária e, em termos mais vastos, cultural, tem a possibilidade de alcançar dimensões geralmente desconhecidas quando uma obra, um período ou um comportamento humano são estudados em relação à totalidade concreta que os envolve. Chegando a tanto, Cardoso Pires, que não é um crítico por formação, atingiu uma posição vanguardista que o encorpou à corrente crítica insatisfeita com os rumos ainda usuais e dominantes na investigação estilística.



José Cardoso Pires, visto por João Abel Manta

dia-se mostrar, argumenta Spitzer, o «loco amor» desde que, pela sua expressão, pudesse o leitor encontrar os sinais do justo caminho. Apesar da admiração que tenho por Epitzer, sempre entendi que havia mais razão do lado de Castro, malgrado os exageros da sua tese arabista. Para Castro, o Arcipreste mostra uma condescendência em relação ao amor, influenciada pelo contacto com os árabes. Até que ponto não seria provável que Juan Ruiz tenha usado da astúcia de Pedro Abelardo a fim de, aparentando alegorias ortodoxas, inculcar uma visão realista e sensual do mundo?

Sobre o humanista são sabidas desde um Von Martin, e mais recentemente de um Hauser, as modificações que o seu *status* sofreu em consequência da aristocratização da

formado. E é justamente aí que surge a figura do libertino, é ele o hereje da ordem estabelecida. «Joga, burla, esfarrapa nas alcovas e nos negócios a harmonia de la *bonne compagnie*, mas faz tudo isso como um profanador consciente» (1, p. 27-28), o libertino — insinua Cardoso Pires, sem insistir talvez o necessário na ideia — representa uma forma mascarada de oposição ao marginalismo do intelectual.

Na análise da conduta do libertino há, no entanto, um aspecto que Cardoso Pires não ressalta: o profundo carácter de duplicidade que há no comportamento do libertino setecentista. Ele é por um lado bem o rebelde que risca o seu sarcasmo na alcova do nobre. Por outro lado, porém, busca (como diz o próprio Cardoso Pires) fundar, em oposição à